

**HISTÓRIAS PARA INCOMODAR OS DA CASA-GRANDE: A CRIANÇA E O
ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL EM CONTOS
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**STORIES TO BOTHER THE SLAVE MASTERS: CHILDREN AND TEENAGERS
IN SITUATION OF SOCIAL VULNERABILITY IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S
SHORT STORIES**

Cláudia Maira de Oliveira¹

Denise Almeida Silva²

RESUMO: Este artigo enfoca sete contos de Conceição Evaristo cujos protagonistas são crianças e adolescentes em situação de risco. Tomando como mote a conclamação, em “Da grafia-desenho de minha mãe”, a uma prática resistente, que vise desacomodar as consciências da hegemonia indiferente com respeito a práticas excludentes, o artigo situa os contos em estudo no contexto da literatura brasileira contemporânea protagonizada por crianças e adolescentes, estuda a construção dos protagonistas dos contos e analisa em detalhe “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos” e “Di Lixão”. Verifica-se como, temática e formalmente, os contos associam-se a uma perspectiva de resistência. Mesmo a despeito de posição marginal, as personagens assumem posição de sujeito, revertendo expectativas históricas sobre os que deveriam se limitar à obediência aos senhores da casa-grande. Embasamento teórico é buscado, sobretudo, no pensamento de Abramovay (2002), Candido (1965, 1970) e Evaristo (2007, 2010).

Palavras-chave: Literatura. Resistência. Menor em situação de vulnerabilidade social. Conceição Evaristo.

Este artigo enfoca sete contos de Conceição Evaristo que têm em comum ostentar, como protagonistas, crianças e adolescentes em situação de risco. É nosso objetivo analisar como esses contos constituem-se em literatura resistente, na qual é evidente a contrariedade do texto literário com relação a realidades e práticas sociais que levam à desumanização e marginalização da criança e do adolescente. A parte inicial do título deste artigo, “Histórias para incomodar os da casa-grande”, é uma alusão a expressão usada por Evaristo no ensaio “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita” (2007), e evoca a ambiência escravocrata através da palavra “casa-grande”, o que leva a situar sua crítica a formas de exclusão no contexto de renovadas formas de escravidão. Inicialmente, comentamos a origem da expressão “histórias para incomodar os da casa-grande” dentro do contexto do pensamento crítico de Conceição Evaristo. A seguir, apresentamos contos em que crianças e adolescentes em situação de risco foram usadas para promover reflexão crítica sobre a realidade social brasileira, situando-os no contexto dos rumos temáticos adotados pela literatura brasileira recente que escolhe crianças e adolescentes

¹ Mestre em Letras (URI), coordenadora pedagógica (APAE, Seberi, RS). Email: claudiamairas@gmail.com

² Dr. em Letras, docente no Departamento de Linguística, Letras e Artes da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Email: dasilva@uri.edu.br
Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 229-250, jul./dez. 2018. Recebido em: 30 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

como protagonistas; analisamos os protagonistas dos contos, estabelecendo similaridades e contrastes entre eles. Por fim, na impossibilidade, de, no espaço de um artigo, estudar em detalhes todos os contos, enfocamos “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Di Lixão”, observando como, temática e formalmente, associam-se a uma perspectiva de resistência.

Histórias não mais para ninar, mas para incomodar os da casa-grande

A citação livremente ecoada no título deste artigo e no desta seção é retirada da declaração “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”, (EVARISTO, 2007, p. 21), parte final do ensaio “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”. O texto integra um volume organizado por Marcos Alexandre, *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Como Alexandre explica na introdução à obra, foi sua intenção, ao organizá-la, focar os discursos culturais, corporais e ideológicos dos afrodescendentes, entendidos como “sujeitos que se veem, na nossa contemporaneidade, enfrentados ao mundo globalizado e dito pós-moderno”, seres marcados “pela ‘diferença’ e pela ‘subalternidade’” (2007, p. 9).

Não por acaso, o texto de Evaristo foi escolhido como capítulo inicial da coletânea de ensaios de Alexandre, o qual traz a lume as mediações simbólicas e as práticas rituais, gestuais e corporais de uma cultura que é tida como outra, e frequentemente considerada marginal. No ensaio em questão, Evaristo questiona a razão de mulheres semialfabetizadas empenharem-se, simbólica e gestualmente, com a escrita. Foi a partir da observação da grafia da mãe, a qual, de cócoras, desenhava o sol para que secasse as roupas lavadas, que a escritora veio a compreender a lógica da escrita: o lápis-graveto desenhava no chão barrento um símbolo que representava uma ideia, o sol.

Transitando da escrita para a leitura, ao recordar as formas pelas quais a mãe e parentes próximos contribuíram para sua formação como escritora, Evaristo registra como, quando adolescente, leituras na Biblioteca Pública de Belo Horizonte, proporcionavam-lhe “um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que [...] vivia”, possibilidades que Conceição divisava, também, na escrita: “Fugir para sonhar e inserir-se para modificar.” (EVARISTO, 2007, p. 20). Questiona-se, então, sobre o papel que leitura e escrita desempenhavam para mulheres como sua mãe. Responde, tentativamente:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos

lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. (EVARISTO, 2007, p. 20-21)

O raciocínio sugere, por um lado, a aparente fragilidade de tais mulheres, mas, acima de tudo, as possibilidades de agência que a leitura e a escrita lhes propiciam, enquanto atos políticos. Por muito tempo, a literatura tem sido uma das atividades mais seletivas no reconhecimento de seus autores, de forma que sua apropriação por minorias pode ser vista como parte da luta por subjetivação. Ao descrever a escrita como ato de insubordinação, um movimento duplo de deslocamento do lugar socialmente atribuído e de inserção em um mundo até então reservado a uma elite, Evaristo parece relacionar a literatura a formas de injustiça social. Assim, não surpreende que tematize formas de vulnerabilidade social, como as que serão analisadas nos contos que constituem o corpus deste artigo. Justifica-se essa visão, já que, conforme Rado e Borneti (2009) descrevem, o termo vulnerabilidade aplica-se a qualquer indivíduo ou grupo social que se encontra em situação de fragilidade ou que esteja sujeito a algum risco ou perigo. Estas situações, por sua vez, poderiam ser comparáveis à violação dos direitos humanos, as quais limitam ou privam o indivíduo da satisfação plena de suas necessidades materiais e emocionais.

Lembra-se, aqui, como, ao dimensionar a literatura como um direito humano inalienável, Antonio Candido (2011, [1970]) salienta a profunda barbárie contemporânea, a qual dimensiona a partir da manutenção de alguns indivíduos em situação de vulnerabilidade social: apesar dos meios contemporâneos para evitar uma distribuição injusta de acesso aos bens, nossa era é profundamente caracterizada pela desigualdade, estando a riqueza centralizada nas mãos de poucos.

Associa-se o raciocínio de Candido à situação de vulnerabilidade, porque a causa apontada por ele como responsável pela miserabilidade em que grande parte da população brasileira e mundial vive é justamente o que define esse estado: segundo Abramovay (2002, p. 13), a vulnerabilidade se institui quando há “resultado negativo entre a disponibilidade dos recursos materiais e simbólicos dos atores [...] e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade”, situação que ocorre nos contos analisados. Residência, proteção, alimentação, vestuário, escola, lazer estão disponíveis na sociedade, mas não se acham ao alcance das personagens estudadas.

Pesquisas têm demonstrado que, no Brasil, os índices de violência ocorridas contra a criança ou adolescente negras são muito maiores do que os verificados contra a população branca: essa é a população que mais sofre com a violência, pobreza e abandono. Considerando-se tal vinculação étnica a formas de opressão, não surpreende que Conceição Evaristo recorrentemente alude à função social e política da literatura a partir da metáfora da assunção da voz da mulher negra não

mais para ninar, mas para fazer ouvir suas próprias palavras, ainda que estas incomodem aos senhores da casa-grande. A metáfora encontra-se em destaque no blog da escritora, *Nossa Escrivência*; mais de uma vez Evaristo tem se reportado a ela em palestras e entrevistas, como as proferidas em mesas-redondas na ABRALIC do Rio de Janeiro, em 2016 e na XI Festipoa, em Porto Alegre (2018), ou ainda na entrevista concedida ao programa Estação Plural, da TV Brasil, no dia 09/06/2017. Evaristo diz:

Quando estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, me vem à memória a função que as mulheres africanas - dentro das casas-grandes, escravizadas - tinham de contar histórias para adormecer a casa-grande. Eram histórias para adormecer. Nossos textos tentam borrar essa imagem. Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos. (NÃO ESCREVEMOS, 2017)

A autora reporta-se à escravidão, enfocando uma das funções das negras escravas: a de embalar o sinhozinho, apaziguando-o e adormecendo-o ao som de sua voz. A citação mantém um óbvio diálogo intertextual com registro feito por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala* ([1933]; 2000, p. 343) acerca da influência do negro na cultura brasileira:

[...] na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado.

Ao contrário do texto de Freyre, que ressalta a suposta missão apaziguadora e confortadora da mucama, Evaristo quer antes, desacomodar os atuais senhores e incomodá-los ante a contemplação das injustiças que foram e são praticadas, através de sua evocação pela palavra poética. Dessa forma, faz da literatura não apenas um modo de se inserir no mundo, mas de refletir sobre ele.

A autora caracteristicamente coloca em evidência situações desiguais e excludentes de uma sociedade que pratica exclusões, especialmente em convergências de etnia (com destaque a negra) com classe social e gênero. Nesse quadro, em que as injustiças sociais contemporâneas reeditam, em outro contexto histórico, a divisão entre os detentores do poder e os miseráveis por eles explorados, as crianças e adolescentes em situação de risco podem ser pensadas como seres que vivem à margem da casa grande, a partir da metáfora implícita no texto “Da grafia-desenho”: a grande senzala-Brasil contemporânea.

Crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social em contos de Conceição Evaristo

A presente análise congrega contos publicados nas duas primeiras coletâneas de Conceição Evaristo, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Olhos d'Água* (2014). Interligados pela premissa de uma coletora de histórias que registra histórias de vida de mulheres, os contos que compõem a primeira coletânea retrocedem, em alguns casos, à infância e/ou adolescência de suas protagonistas, ou detalham a vida de um de seus filhos. Destes, apresentam protagonistas em situação de vulnerabilidade social os contos “Natalina Soledad”, “Shirley Paixão” e “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”. A segunda coletânea, *Olhos d'Água*, publicada em 2014, agrega, na verdade, contos cuja composição é anterior aos de *Insubmissas lágrimas*, já que a grande maioria dos seus quinze contos haviam sido publicados anteriormente em *Cadernos Negros*. Destes, quatro – “Di Lixão” “Duzu-Querença”, “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”, e “Lumbiá” – têm como protagonistas crianças em situação de vulnerabilidade social. O primeiro foi publicado, originalmente, no volume 14 dos *Cadernos Negros*, em 1991; os demais nos volumes 16 (1993), 30 (2007) e 34 (2010), respectivamente. Para benefício dos leitores não familiarizados com essas obras, apresentamos breve resenha dos contos em questão, iniciando pelos publicados em *Insubmissas lágrimas de mulheres*.

“Natalina Soledad” narra a história de menina condenada à solidão e desprezo dado o sexismo de seu pai. A menina nasce mulher em uma família de seis homens; como o pai considera o nascimento de uma filha atestado de não virilidade, renega-a, dedicando-lhe total desprezo, no que é secundado pela mulher e os filhos. O desprezo é materializado e simbolizado pelo nome que atribui à filha, registrada por ele como Troçoleia Malvina Silveira. Rejeitada por todos, e ridicularizada na escola, a menina cria-se isolada e retraída, sem a assistência e o carinho de qualquer adulto, exceto de uma empregada. Solitária, passa a buscar um novo nome para si própria, mas somente aos 30 anos, após a morte do pai e da mãe, registra o apelativo de sua escolha: Natalina Soledad, nome que resume sua experiência vital e, ao mesmo tempo, sinaliza um novo nascimento, advindo da própria solidão a que fora fadada.

A personagem central do conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” é uma menina que é raptada juntamente com o irmão mais novo. A protagonista é levada para longe, enquanto o irmão é abandonado ainda perto de casa. Maria do Rosário cresce com acesso à educação e moradia, mas sem afeto, já que o casal que a raptou não a trata como filha. Mais adiante, com a separação do casal, a menina passa a morar com outra família, a qual a trata como estranha e empregada doméstica, e a menina é crescentemente privada de oportunidades de lazer. Cresce, *Revista Literatura em Debate*, v. 12, n. 23, p. 229-250, jul./dez. 2018. Recebido em: 30 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

casa-se várias vezes, mas opta por não ter filhos, para que sua história vital se repetisse em uma segunda geração. Ao final do conto, reencontra sua família original; a essa altura, porém, as experiências passadas já haviam condicionado muito de sua experiência vital.

Em “Shirley Paixão” o sobrenome atribuído à protagonista adequadamente assinala a paixão com que ama e protege sua prole: as duas filhas biológicas e as três que a elas se juntam ao casar-se novamente, e tornar-se a mãe das filhas do marido. As cinco meninas passaram a conviver como irmãs. Enfoca-se neste trabalho a mais velha delas, Seni, já que integra o conflito que constitui o nó narrativo: é a relação do pai com a menina que o torna o antagonista do conto, e faz da adolescente índice tanto do amor materno como da bestialidade paterna. A personagem é descrita no conto como arredia, silenciosa, e zelosa pelas demais irmãs. Sabe-se, depois, que o pai abusava dela em segredo. O conto narra o momento em que Shirley Paixão presencia uma tentativa de abuso e liberta a então adolescente de seu pai, agredindo-o sem compaixão. Buscando suplantar as dores do passado, Seni torna-se médica pediatra, desejosa de proteger e cuidar a vida de meninas que possam estar passando por situações semelhantes às que ela mesma enfrentara.

Como se percebe, são índices da situação de vulnerabilidade social, nesses contos, carências associadas à proteção, afeto, residência, escola e lazer. Os contos de *Olhos d'Água* acrescentam a essas carências ainda outras, relativas à residência, alimentação, vestuário e ao direito de fruir a infância sem a necessidade de atuar no mercado de trabalho, ainda que informal.

O trabalho infantil é focado, sob diferentes perspectivas, em “Duzu Querença” e em “Lumbiá”. “Duzu Querença” narra inicialmente a história da menina Duzu, a qual, ainda muito nova, é levada para a cidade por seus pais, na esperança de uma vida melhor, já que prometem-lhes abrigar a menina, e dar-lhe a possibilidade de estudar em troca de pequenos serviços. Contudo, a ambiente que prometera acolhê-la revela ser um prostíbulo, e lhe é negado o direito de estudar, sendo-lhe designado o trabalho de limpeza. Logo, porém, por curiosidade e ingenuidade, inicia a prostituir-se; passa, depois, por vários prostíbulos, e termina a vida como mendiga. Duzu teve vários filhos e netos. Destes, o conto destaca Duzu-Querença, uma de suas netas favoritas, a qual finalmente concretiza a história de sucesso com que os pais de Duzu haviam sonhado: frequenta a escola, e ensina o que aprende às demais crianças que moram em sua comunidade.

Já “Lumbiá” narra a história de menino que, juntamente com a irmã e amigo, perambula pela cidade, vendendo amendoim e chicletes. O menino é obrigado a trabalhar pela mãe, para auxiliá-la a sustentar os demais irmãos; muito cedo, aprende estratégias que o auxiliam a vender sua mercadoria. O conto destaca como única sua alegria a época do Natal, ocasião em que os presépios, com a figura do menino Jesus o fascinam: como ele, o menino é pobre e, enrolado apenas em panos, parece sofrer frio e fome. A identificação é tanta que rouba o menino Jesus de um presépio; Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 229-250, jul./dez. 2018. Recebido em: 30 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

na fuga é atropelado por um carro, vindo a falecer tendo nos braços os pedaços do boneco com quem tanto se identificara.

Filho de prostituta, já falecida, Di Lixão é adolescente, morador de rua. Tem como companheiro ocasional outro adolescente, não nominado, que, como ele, é órfão e abandonado à própria sorte. O conto narra os momentos finais do personagem que, doente e dolorido, recorda as dores físicas e emocionais da infância e adolescência, vindo a falecer entre os lixões onde buscava comida e abrigo, e dos quais deriva seu nome.

Por fim, em “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”, a personagem principal é menina moradora de favela. A mãe, subempregada, considera a possibilidade de um segundo emprego; sempre cansada, pouco pode se dedicar às filhas menores, as gêmeas Zaita e Naíta. Tem, ainda, outros dois filhos: o mais velho está no exército, enquanto o segundo busca no tráfico um modo mais fácil de ganhar a vida. Um dia, ao procurar, sem sucesso, sua figurinha favorita, Zaita deixa os brinquedos espalhados pelo chão, mesmo sabendo que isso atrairá a raiva da mãe e lhe valerá uma possível surra, e sai à rua à sua procura. Surpreendida por tiroteio de gangues rivais, morre enquanto busca seu bem mais apreciado, uma figurinha de papel.

A tematização da vulnerabilidade social nestes contos acompanha tendências da literatura brasileira contemporânea que tem como protagonistas a criança e o adolescente. Analisando obras publicadas no período entre 1990 a 2004, que trazem personagens crianças com protagonistas, Mata distingue três tendências: 1) a nostalgia da infância romântica e os entraves para que essa infância se consolide, como no conto o conto “Éramos todos bandoleiros”, de Nelson de Oliveira, e no romance *Chove sobre minha infância*, de Miguel Sanches Neto; 2) a narrativa da infância nas periferias, em ficções que se distanciam dos traços românticos, destituindo as crianças da ideia de infantilidade, como em *Cidade de Deus*, (de) Paulo Lins e *Lembrancinha do Adeus*, (de) Júlio Ludemir; 3) a discussão a respeito da sexualidade, como nos romances *O caderno rosa de Lori Lamby*, de Hilda Hilst, e *O azul do filho morto*, de Marcelo Mirisola. Já Roselei Battisti (2015), ao estudar a construção do jovem na literatura brasileira contemporânea, registra a persistência da literatura juvenil centrada em torno de temas que fazem parte da vida dos adolescentes. Exemplo disso é *Alice no espelho 2005*, de Laura Bergallo, na qual o autor coloca em foco o fato de ser diferente em uma sociedade que vive a ditadura da beleza e da juventude. Contudo, a inovação temática também é evidente na produção da literatura juvenil, que passa a abordar assuntos até então considerados tabus, como a morte, violência e desagregação familiar. Exemplos dessa tendência são *A distância das coisas* (2008), de Flavio Carneiro e *Todos contra Dante* (2008), de Luis Dill, cujas personagens vivem situações de crises pessoais, familiares e perdas. (BATTISTI, 2015).

Comparando-se essas tendências temáticas com as praticadas por Conceição Evaristo nos contos em estudo percebe-se que, deixando de lado a romantização da infância, Evaristo acompanha a tendência à narrativização da infância na periferia e à discussão da sexualidade, associando-se à vertente temática que aborda assuntos como violência, morte e desagregação familiar e social.

A análise comparativa dos contos, tendo em vista dados como gênero, idade, etnia e classe social permite visão mais aprofundada dos menores em situação de risco representados por Evaristo. Percebe-se, nesses contos (como, aliás, nos demais contos e romances da autora) que seu universo ficcional é, sobretudo, feminino: apenas dois dos protagonistas, Lumbiá e Di Lixão, são meninos.

A idade dos personagens é, em alguns contos, como “Di Lixão”, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” e “Shirley Paixão” explicitamente declarada; já em “Lumbiá”, “Duzu-Querença”, “Natalina Soledade” e “Záita esqueceu de guardar os brinquedos” é apenas sugerida através de dados circunstanciais, e cabe ao leitor tentar inferi-la a partir da construção da personagem. O narrador de “Di Lixão” afirma: “Ele, no mês anterior, num dia qualquer, tinha feito quinze.” (EVARISTO, 2014, p. 79). O fato de que o aniversário de quinze anos do adolescente, idade que normalmente é comemorada de forma muito significativa, é passado totalmente despercebido, constitui-se em mais um dado para delinear o desamparo a que estava submetido. Em “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, a própria personagem, que é também a narradora, descreve sua idade ao início do conto: “Eu era bem menina ainda, tinha uns sete anos no máximo” (EVARISTO, 2011, p. 39). A menina enfatiza o momento em que foi raptada; tão nova era que não sabe ao certo que idade tinha. Em “Shirley Paixão”, a idade de Seni fica evidente quando a madrastra afirma que quando ela chegou a sua casa faltavam três meses para completar cinco anos; contudo, o ápice da trama se dá quando a menina tinha 12 anos, conforme a descrição “[...] ali pelos seus doze anos, já era uma mocinha feita, zelosa com ela mesma e, mais ainda, com as irmãs” (EVARISTO, 2011, p. 27). Somente mais tarde o leitor percebe a força dessa descrição: se, por um lado, o ser “mocinha feita” atrai a atenção e as investidas do pai, por outro esse fato faz com que a adolescente passe a monitorar preventivamente as irmãs, para que não passem pela mesma situação que ela enfrentava.

Mesmo quando não declarada explicitamente, a idade é índice de caracterização dos personagens de Evaristo. Compreende-se que Lumbiá ainda é uma criança porque não é autorizado a entrar no shopping onde se expõe o presépio desacompanhado da mãe (EVARISTO, 2014). Outro fator que possibilita calcular a idade aproximada é o tipo de raciocínio do menino, que se identifica com um boneco (o menino Jesus do presépio) pelo fato de parecer tão pobre quanto ele, Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 229-250, jul./dez. 2018. Recebido em: 30 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

já que parece não ter casa, e estar com frio e fome. Em “Duzu-Querença”, compreende-se que a menina Duzu tem aproximadamente sete anos. Isso fica implícito quando o narrador declara “[...] Quando Duzu chegou pela primeira vez na cidade, ela era menina bem pequena” (EVARISTO, 2014, p. 33); nessa época os pais sonhavam com o fato de que passasse a frequentar a escola, o que uma vez mais sugere que ela estava em idade de iniciar seus estudos. Outro fato que sugere sua pouca idade é que, quando a moça observa o cliente assediando a menina, declara: “Não estava vendo que ela era uma menina?” (EVARISTO, 2014, p. 33). Quanto ao conto em que Zaíta é protagonista, o fato de que ainda é uma criança está implícito no próprio título, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”. Essa suposição inicial é confirmada pela descrição da menina em meio aos brinquedos esparramados pelo chão, pela proteção que buscava em momentos de medo através do aconchego ao corpo da mãe, e ainda, pelo medo que sentia desta quando intuía que provocara sua raiva. Como o narrador menciona que a menina e sua irmã gêmea Naíta frequentam a escola e os lápis de cor doados pela professora a Naíta, é possível imaginar que as meninas estejam no jardim de infância ou nos primeiros anos do ensino fundamental, o que situaria sua idade por volta dos seis a oito anos, aproximadamente.

Em “Natalina Soledad” a história da personagem central é narrada desde o seu nascimento até à vida adulta. Para cada fase de sua vida são feitas descrições que levam o leitor à compreensão de sua idade então. Sobre os primeiros anos, pouco é dito; o narrador descreve apenas que “A menina Silveirinha crescia a contragosto dos pais. Solitária aprendera quase tudo por sim mesma, desde pentear os cabelos até os mais difíceis exercícios de matemática” (EVARISTO, 2011, p. 21). A idade é primeiro explicitamente declarada na adolescência, momento em que passa a frequentar a escola, e a retribuir a indiferença da família com igual indiferença: “[...] a menina Silveira, ali por volta dos 12 anos, momentos de sua entronização na rua, passou a ignorar a existência dos seus” (EVARISTO, 2011, p. 22). Como a situação familiar segue inalterada, a fase da adolescência não é detalhada: o texto marca apenas o passar do tempo: “A moça Silveirinha esperou” (EVARISTO, 2011, p. 23); “[...] aos dezoito anos – dizia para ela mesma – toda pessoa, vítima de seu próprio nome, pode trocá-lo. Mas Silveirinha, somente aos trinta, decidiu” (EVARISTO, 2011, p. 26). Mesmo esperando ansiosamente pela maioridade para trocar o nome, só o fez após a morte trágica dos pais.

Quando se pensa na “cor” da personagem, percebe-se que, das sete personagens estudadas, apenas duas tem sua etnia claramente descrita, Lumbiá e Maria do Rosário; a etnia negra de Duzu pode ser inferida contextualmente. De Lumbiá, lê-se a seguinte observação, quando este descreve o menino Jesus: “[...] Deus-menino, pobre, só faltava ser negro como ele” (EVARISTO, 2014, p. 84). Além disso, quando o narrador retoma a história, e descreve o rei mago negro, diz que este era

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 229-250, jul./dez. 2018. Recebido em: 30 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

“[...] aquele que parecia com o tio de Lumbiá” (EVARISTO, 2014, p. 84). No conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, alguns detalhes ajudam a construir o fato de que a menina é negra: a grande e unida família estendida, presente no cotidiano da menina e de seus irmãos, o que é um dado característico em comunidades que compartilham a cultura de matriz africana; os parentes e vizinhos, que habitavam casas pequenas concentradas em um mesmo terreno eram todos “dos Santos” ou “dos Reis”, o que poderia sugerir que habitavam o que fora o terreno de uma antiga senzala, e que seus nomes podem ter sido derivados de Santos e Reis, senhores de escravos. Essas impressões acerca de um possível pertencimento à etnia negra são confirmadas quando a menina reflete, logo após perceber que fora raptada: “E quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias da escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava.” (EVARISTO, 2011, p. 41). Em “Duzu-Querença”, referências à religião de matriz africana sugerem que a personagem e seus familiares são negros. Quando o companheiro mendigo de Duzu diz que sua fantasia, feita de papéis recortados em forma de estrela, não se parecia com a da ala das baianas, Duzu diz que a estrela “[...] era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer” (EVARISTO, 2014, p. 36). Mais adiante, quando a menina acompanha o velório da avó, encontra parentes cujos nomes, Alafaia, Kiliã e Bambene sugerem, também, uma vinculação com a cultura africana. Alafaia é o décimo sexto Odú no jogo de Buzios; Kiliã ou “Kilian” é o nome de uma localidade na África e por fim, Bambene é um lago que fica na cidade de Chibuto, Moçambique; tanto Kilian como Bambene podem, também, ser nomes próprios. Uma única observação, em “Zaíta [...]”, sugere a possibilidade da família ser negra: a menção de que as gêmeas consideravam a boneca negra com um braço só como a mais linda. Contudo, o registro de que as outras bonecas eram todas incompletas autoriza, também, a pensar que a beleza da boneca não se associa a sua cor, mas a seu estado de completude. Nos outros contos estudados, não há indício algum que sugira a etnia das personagens.

O fato de que a grande maioria das personagens não têm sua etnia marcada parece sugerir que a condição em que os sujeitos estão inseridos e a negligência e não garantia de seus direitos são mais importantes, nesses contos, que a pertença étnica. Por outro lado, a combinação etnia e classe social parece ser um descritivo importante. No Brasil, o negro ainda é maioria no que diz respeito à exclusão e marginalidade econômica e social. Esta situação se manifesta, também, nos contos em estudo.

Quando se considera a classe social a que pertencem, as personagens poderiam ser classificadas em: miserável, pobre e de classe média. No primeiro caso, está Di Lixão, órfão que vive em um “quarto-marquise” (EVARISTO, 2014, p. 77), ou seja, trata-se de um menino que

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 229-250, jul./dez. 2018. Recebido em: 30 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

mora na rua. Ao fim do conto, quando o seu nome é explicado, o leitor fica sabendo que o menino circulava entre o lixo, o que é mais um indício de sua condição de miserabilidade: “O menino era conhecido ali na área. Tinha mania de chutar os latões de lixo e por isso ganhara o apelido.” (EVARISTO, 2014, p. 80).

Já Lumbiá, Zaíta e Duzu são pobres, mas não miseráveis: têm casa, e não estão sós no mundo: há menção à mãe de Lumbiá, à mãe e irmãos de Zaíta e aos pais de Duzu. Lumbiá tem que trabalhar com a irmã para poder sobreviver; vende mercadorias baratas (chiclé e amendoim), e não pode se arriscar a perdê-las. Quando o menino se identifica com o menino Jesus, observa que este é: “Nu, pobre, vazio e friorento” (EVARISTO, 2014, p. 85): assim se percebe que Lumbiá também sofre de falta de alimentação e não tem as roupas necessárias para se agasalhar. Índices da pobreza de Zaíta são os brinquedos de que dispõe – figurinhas de papel, bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latias e caixas de fósforo vazias. Também há o registro da insuficiência do dinheiro recebido por sua mãe, Benícia, para pagar aluguel, água, luz e mantimentos para a família.

Entende-se, também, que Duzu é pobre, pois os pais a enviam à cidade para trabalhar para que possa frequentar a escola. Deduz-se, pois, que não têm o dinheiro necessário para sustentar os estudos da filha. Vale ainda destacar que Duzu, no fim da vida, acaba como uma pessoa demente e mendiga; tem fome, e alucinações de que está comendo, ou seja, está faminta. Também a neta de Duzu, Duzu Querença vive em condições de pobreza, o que não a impede, contudo, de buscar uma vida melhor: mora no morro e quando volta da escola ensina o que aprendeu aos demais que não têm a possibilidade de frequentar a escola. A menina realiza, assim, um movimento de superação, bastante recorrente na literatura afro-brasileira e que reafirma a posição de sujeito da personagem negra, e sua capacidade de realização, a despeito dos desafios e/ou preconceitos que, inicialmente, limitam sua realização pessoal.

No caso de Natalina Soledad, compreende-se que ela faz parte da classe média, pois a família proporciona condições materiais para que cresça e frequente a escola. Na narrativa ainda é descrito que a família contava com os trabalhos de uma doméstica, “[...] a única doméstica da casa” (EVARISTO, 2011, p. 22), a qual era, também, a única pessoa que dava carinho à menina. Ao final do conto, o narrador descreve que, após a morte dos pais, Natalina Soledad vive dos alugueis dos imóveis que o pai havia lhe deixado. Shirley Paixão também pertence à classe média, pois tem condições de ficar casa tomando conta das cinco filhas. Isso é evidente a partir das descrições de que ela acompanha a situação das meninas em casa e na escola, as professoras solicitam sua presença e a aconselham buscar ajuda psicológica para Seni. A madrasta mostra-se envolvida e preocupada com o caso. Mais tarde, Seni se forma em medicina, curso que normalmente não está ao alcance de quem não tem recursos financeiros. Maria do Rosário Imaculada dos Santos também

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 229-250, jul./dez. 2018. Recebido em: 30 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

convive com pessoas da classe média. Seus raptos dão-lhe acesso à educação, tem uma professora particular somente para ela. No entanto, depois que o casal que a raptou separou-se, e ela é “doada” a outra família, passa a ter que trabalhar.

Outro indicativo que confirma a classe social dos personagens é sua ocupação. Di Lixão, como já exposto, não tem ocupação definida: é menino de rua. Lumbiá é vendedor ambulante, e trabalha com mercadoria barata. Sua mãe, por sua vez, apresenta características de uma pessoa prática, que não pode ter prejuízos. Não permite que o filho vendesse flores, pois “Flor encalhada era prejuízo certo”. (EVARISTO, 2014, p. 81). Embora a ocupação da mãe não seja especificada no texto, infere-se que ela precisa trabalhar, pois não pode acompanhar o filho à visita do presépio. Também a mãe e irmãos de Zaíta necessitam trabalhar, não apenas para prover para si próprios, mas para ajudar sua tia, irmã de sua mãe que tinha os filhos pequenos, e cujo marido ganhava muito pouco. Duzu, a quem se nega o direito de estudar, rompendo a promessa feita a seus pais, é prostituta, e acaba a vida como mendiga. Vê-se, assim, que os personagens pobres trabalham com ocupação informal, não legalizada ou de baixa renda. Já nas famílias de classe média, como as de Natalina Soledad, Shirley Paixão e Maria do Rosário, as adolescentes, Natalina, Seni e Maria do Rosário, têm o direito de ir à escola, não precisando trabalhar em idade escolar.

Desfila, nos contos mencionados, toda a sorte de privação provocada pela falta de acesso a recursos materiais e simbólicos que, todavia, estão disponíveis a outros atores sociais, característica que vem a configurar, como já registrado neste trabalho, situação de vulnerabilidade social. Esses menores sentem fome e frio, solidão e indiferença; são abandonados por familiares, ou deles afastados por circunstâncias que não podem impedir. Alguns deles são impedidos de ir à escola, sofrem *bullying* e, em casos extremos, como o de Maria do Rosário e Natalina Soledad, têm seu direito de ir e vir interditado. Muitas dessas vidas são abaladas por doença, e três acabam em morte trágica. Estes são contos que incomodam.

Do “utópico desejo de construir um outro mundo”: resistência em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Di Lixão”

Em seu artigo “Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira” (2010), Conceição Evaristo expõe o papel “retificador” da literatura. Ao comentar a função da palavra poética, reflete como esta pode corresponder a uma profunda insatisfação acerca da realidade social:

A palavra poética é um modo de narração do mundo. Não só de narração, mas talvez, antes de tudo, de revelação do utópico desejo de construir um outro mundo. Pela poesia, inscreve-se, então, o que o mundo poderia ser. E, ao almejar um mundo outro, a poesia revela o seu descontentamento com uma ordem previamente estabelecida. Para determinados povos, principalmente aqueles que foram colonizados, a poesia torna-se um dos lugares de criação, de manutenção e de difusão de memória, de identidade. Torna-se um lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia a marca, o selo do colonizador. É também transgressora ao optar por uma estética que destoa daquela apresentada pelo colonizador. Pela poesia, o colonizado, segundo Homi Bhabha, não só encena o “direito de significar” como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo. (BHABHA, p. 321). Viver a poesia em tais circunstâncias, de certa forma, é assegurar o direito à fala, pois pela criação poética pode-se ocupar um lugar vazio apresentando uma contrafala ao discurso oficial, ao discurso do poder. (2010, p. 133-134)

Pensando-se esta citação em conjunto com o texto “Da grafia-desenho [...]”, e, mais especificamente, com a metáfora utilizada pela autora para qualificar a função dessa contrafala, pode-se pensar alguns objetivos dessa prosa de intervenção. A referência à finalidade de sua escrita como sendo despertar senhores de seus sonos injustos aponta para uma prosa denunciadora das iniquidades sociais, especialmente as cometidas por aqueles que, detendo o poder, atuam direta ou indiretamente na renovação e atualização de injustiças históricas, as quais fazem com que em, nossa realidade social, a relação senhor-escravo perpetue-se, com novos contornos e em diversos estratos sociais, inclusive na intimidade do lar. Essa situação é comparada a um sono prolongado, de cuja inconsciência os senhores devem ser despertados. Assim, a palavra poética visa levar à sensibilização dos leitores, e à tomada de posição frente às realidades denunciadas nos contos. Tal alcance não é realizado apenas através da proposição de um tema (aqui, criança e adolescente em situação de risco), mas da forma como tal conteúdo temático encontra forma no texto, como refletimos a seguir.

O impacto da obra literária deve muito à fusão entre forma e conteúdo: no ato da escrita o escritor estabelece modelos de coerências; assim, quando um texto impressiona, deve-se isso à forma com que joga, compõe e ordena as palavras. Por outro lado, a partir do que lê, o leitor desenvolve a capacidade de organizar mentalmente o conteúdo lido, de forma a (idealmente) abstrair e raciocinar a respeito de algum assunto e, então, organiza e compreende o mundo no qual está inserido a partir dessas reflexões, ou seja: torna-se um leitor do mundo, estendendo essa habilidade para a sua própria vida. Desse modo, como Candido reflete em seu bem conhecido texto “A literatura e a vida social”, a literatura é social em dois sentidos: depende da ação do meio, que é expresso na obra em graus variados de sublimação, e atua sobre os indivíduos, modificando-lhes a conduta e concepção do mundo. O teórico acentua: “A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. (2014 [1965], p. 30). Assim, o texto literário ajuda a dar a conhecer as necessidades da sociedade, possibilitando

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 229-250, jul./dez. 2018. Recebido em: 30 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

ao leitor tomar posição em relação às problemáticas existentes. Trata-se, então, de uma literatura de cunho social, pois esta faz com que o leitor reflita sobre questões políticas e humanitárias, bem como os direitos humanos que, Candido sublinha em “O direito à literatura”, “partem de uma análise do universo social, e procuram retificar suas iniquidades”. (2011 [1970], p. 183)

Nesse caso, quando o escritor toma posição diante de determinados assuntos, o qual julga necessários, tem-se uma literatura empenhada, que parte do direito à literatura por motivos poéticos, mas também políticos, religiosos e/ou humanistas. O autor empenhado deseja, a partir de seu texto, imprimir no leitor seu ponto de vista, e seu discurso é marcado de um ideal crítico em relação aos assuntos que considera importante. Pensa-se que este seja o caso de Conceição Evaristo, em cujos textos conteúdo e forma unem-se na expressão das injustiças sociais. Isso é visível não apenas a partir da seleção temática e vocabular, como também evidenciado através da opção por ponto de vista narrativo.

Escolhemos, para exemplificar a postura resistente de Evaristo, os contos “Di Lixão” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” uma vez que os contos ostentam dois dos protagonistas mais vulneráveis no que diz respeito às questões sociais, econômicas e emocionais. Ademais, os contos propiciam contrastes quanto ao gênero, idade, e, possivelmente, etnia: ele é adolescente, provavelmente não negro; ela, uma menina, possivelmente negra. Ele é menino de rua, desprovido de casa, construção material, e de lar, espaço de pertencimento e afeto; ela, embora more em habitação modesta, por vezes não a experiencia como lar, o que a leva a vaguear pelas ruas. O fim de ambos: a morte, embora em circunstâncias diferentes.

O conto “Zaíta [...]” é mediado por narrador em terceira pessoa, onisciente, que reflete e opina sobre a situação da personagem. Percebe-se que o narrador alinha-se em simpatia a ela, evidenciando suas carências afetivas e materiais. O conto desenvolve-se, em grande parte, através do registro do que falta à menina, e isso já a partir de seu início:

Zaíta espalhou as figurinhas no chão. Olhou demoradamente para cada uma delas. Faltava uma, a mais bonita, a que mostrava uma garotinha carregando uma braçada de flores. Um doce perfume parecia exalar da figurinha ajudando a compor o minúsculo quadro. (EVARISTO, 2011, p. 71).

A cena da criança empenhada na recuperação de uma minúscula figurinha de papel, a qual considera sua mais apreciada possessão, sugere sua pobreza, mas faz mais. É evidente a identificação de Zaíta com a menina do desenho, na qual busca a satisfação da necessidade de fruição estética acerca da qual Antonio Candido, a partir do literário, registra ser um “bem incompressível” ([1970], 2011), direito inalienável de todo o ser humano.

Que a figurinha sacie a necessidade dos sentidos de Zaíta, propiciada pelo contemplar das flores e pelo aspirar, ainda que imaginário, de seu perfume é, mais uma vez, indicativo de suas carências; parece claro que busca na figura a satisfação do bom e do belo que a vida não lhe oferece. A falta não é sentida apenas por Zaíta, já que, como o texto expõe a seguir, a figurinha também é objeto de desejo de Naíta, que insiste em propor trocas por ela. Zaíta resiste, ainda que o que a irmã tem a oferecer seja “aquela boneca negra, a que faltava só um braço e que era tão bonita.” (EVARISTO, 2011, p. 72). A extensão da saciedade propiciada pela figurinha a Zaíta só é dimensionada a partir do momento em que o texto expõe os brinquedos de que dispõe, por ocasião de uma segunda tentativa de encontrar a figurinha, que busca, agora, entre suas posses:

[...] Levantou-se e foi lá no outro cômodo da casa voltando com uma caixa de papelão.
[...]

Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias e palitos de fósforos usados. (EVARISTO, 2011, p. 71; 72).

Tudo o que se oferece para a menina como brinquedo é, ou provém, do lixo. Metonimicamente, as posses simbolizam o lugar atribuído ao possuidor no todo social. A descrição do deslocamento da menina sugere, ainda, a exiguidade dos recursos materiais, já que, ao aludir ao “outro cômodo” sugere que a casa era formada por apenas dois compartimentos.

Ainda outro índice do valor atribuído ao papel que, para a menina, é um “minúsculo quadro” é o fato de conscientemente arriscar incorrer na ira da mãe, seguida de castigo corporal (“[...] pouco se importava com os tapas que pudesse receber” (EVARISTO, 2011, p. 73) quando decide sair à rua à procura da figurinha que, intui, não existe mais.

O narrador não deixa sem explicação o nervosismo e, por vezes, brutalidade da mãe de Zaíta, ironicamente denominada Benícia. O nome, segundo o *Dicionário de nomes próprios* (2008-2018), deriva do latim *benitius*, junção de *bene* e *ire*, e significa “homem bom”, mas também “aquele que vai bem” ou “o que está sempre bem”. Essa percepção é exatamente o oposto da nutrida pela mãe de Zaíta com respeito à vida. Embora ainda muito jovem, aos 34 anos Benícia acumula um histórico de ausências, insuficiências e deficiências. Já tivera dois companheiros, pais de seus filhos mais velhos e das gêmeas, respectivamente; agora está só. Mãe muito cedo (o filho mais velho está no quartel- tem, portanto, pelo menos 18 anos, o que data sua primeira maternidade para cerca dos 16 anos) não parece encontrar na maternidade fonte de muita alegria: resente-se da pouca retribuição financeira recebida pelo esforçado e ordeiro filho mais velho, e da ocupação arriscada e de ganho fácil escolhida pelo segundo filho, traficante, líder de um grupo armado, em luta para conquistar a área perto de sua casa só para si. Por sua vez, as gêmeas são-lhe fonte de preocupação

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 229-250, jul./dez. 2018. Recebido em: 30 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

e de irritação, por sua pouca contribuição para a ordem da casa. Também o trabalho não lhe oportuniza o devido retorno, e alcança comprar tão pouco mantimento que tem a impressão de haver perdido dinheiro no supermercado.

A mistura de ambição de ganho fácil e inocência, algazarra de folguedos infantis e trocas de tiros entre quadrilhas vitima, finalmente, a Zaíta. A combinação é sinalizada, no texto, através do contraste entre dois tipos de balas: “as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, [e] aquelas que lhes dissolviam a vida” (EVARISTO, 2011, p. 76). Distraída à procura da figurinha, a menina é apanhada em meio a tiroteio, e morre, juntamente com cinco outros moradores da favela. Desolados, os moradores do beco ignoram os outros corpos, e recolhem apenas o da menina. Para o leitor, resta o conhecimento amargo que uma vida foi ceifada na busca por algo tão pequeno e sem valor como um pedaço de papel, mas que, contudo, era, para Zaíta, uma “figurinha-flor”, símbolo do bom e do belo que a ela eram vedados.

“Di Lixão” narra a história de adolescente que perambula pelas ruas, morrendo sozinho e abandonado em uma área de coleta de lixo. Embora a ideia compartilhada com o conto anterior seja a do dimensionamento do desvalor da vida humana através de sua comparação com lixo, as circunstâncias que cercam o personagem e a forma do conto diferem das encontradas em “Zaíta”.

“Di Lixão” apresenta narrador onisciente de terceira pessoa, o qual tem acesso aos pensamentos do adolescente, propiciando ao leitor recuperar, através de suas memórias, sua história de vida e as falhas estruturais e sociais que culminam com sua morte. Como no conto anterior, o narrador é externo à história, e, embora procure manter neutralidade, percebe-se empatia com a situação do adolescente. A inclusão de discurso indireto livre em meio à narrativa de terceira pessoa cumpre a função de aproximar o protagonista do leitor, que passa a perceber suas dores a partir da própria perspectiva do personagem.

Dor, doença, solidão e, finalmente, morte simbolizam e resumem as múltiplas carências que vitimam o menino. É um adolescente com o rosto visivelmente deformado e afetado por um dente infeccionado que lateja e acumula uma bola de pus que é apresentado ao leitor ao início do conto, quando, ainda de madrugada, o protagonista acorda para um novo dia.

Ao narrar os pensamentos do menino ao início do dia final de sua vida, o narrador registra que naquele dia “Pela primeira vez, depois de tudo, se lembrou da mãe.” (EVARISTO, 2014, p. 78). Fica evidente que o menino acorda sozinho, sem ninguém a seu lado a não ser o seu “companheiro de quarto-marquise”, ou seja, o outro menor de rua que duplica sua experiência de orfandade e falta de abrigo. Nenhuma garantia de saúde ou conforto material ou emocional lhes são assegurados. Os adolescentes pouco se falam; a presença mútua é reconhecida por

comportamento agressivo: Di Lixão cospe no companheiro, que lhe responde com chute nos órgãos genitais, o que lhe ocasiona ainda mais dores.

O menino se retrai assumindo uma posição fetal. Conforme Oliveira (2014), essa posição revela que o sujeito está inseguro, com carência de afeto, ou até mesmo buscando proteção. De alto a baixo, da face ao pênis, o menino experimenta dor; indaga-se, em um dos momentos em que a narração em terceira pessoa cede lugar ao discurso indireto livre: “[...] será que a dor de cima ia se juntar com a dor de baixo? Será que o encontro seria uma dor só?” (EVARISTO, 2014, p. 77). Seu questionamento acerca de “uma dor só” remete, para além da dor física, para uma dor psicológica, fruto de carência absoluta. Não tem perspectiva alguma de amor, proteção, educação, alimentação e saúde.

De fato, Di Lixão está desprotegido e carente de qualquer tipo de afeto. É nesse contexto que o menino se lembra pela primeira vez da mãe, depois de seu assassinato:

Pela primeira vez, depois de tudo, se lembrou da mãe. Ainda bem que aquela puta tinha morrido! Ele sabia quem havia matado a mulher. Tinha visto tudo direitinho. Na polícia negou que estivesse por perto que suspeitasse de alguém. Depois de três ou quatro idas à delegacia, os policiais acabaram por deixá-lo em paz. [...] Sabia quem tinha matado a mãe. E daí? O que ele tinha com isso?” (EVARISTO, 2014, p. 78).

Apesar da afirmação de indiferença pela mãe, evidencia-se o desejo por sua presença, em uma complexa relação de amor e ódio. Di Lixão refere-se à mãe com os pronomes *ela* e *dela*, bem como com os substantivos *puta* (usado duas vezes), *mulher* (empregado apenas uma vez) e *mãe* (usado três vezes). Assim, o substantivo *mãe* sobressai em frequência, o que leva à compreensão de que, apesar de demonstrar ódio em relação à mãe, sente falta do seu convívio. Acaba integrando em sua fala aquela de quem diz ter ódio, o que parece atestar uma necessidade, não confessada nem admitida, da presença da figura materna naquele momento de dor e fraqueza.

Por outro lado, faz questão de repetir que a mãe é uma puta como forma de desqualificar aquela que lhe exigia boa conduta; não queria cumprir obrigações, limites e tarefas, por isso julgava que uma boa mãe lhe deixaria fazer o que desejasse. Recorda suas recomendações como uma “falação” incômoda: “Di, vai para a escola! Di, não fala com meus homens! Di eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho!” (EVARISTO, 2014, p. 78). Nota-se que ela se preocupa com o filho; mesmo vivendo e vindo de um contexto de marginalidade e violência, desejava que ele tivesse um futuro melhor. Contudo enquanto a mãe considera a educação como um caminho de ascensão social, Di Lixão entende que frequentar a escola seria inútil, pois nada mudaria em relação ao seu futuro: “Depois, pouco adiantava. Zona por zona, ficava ali mesmo. Lá fora, o outro mundo também era uma zona” (EVARISTO, 2014, p. 78).

Embora faça distinção entre o lugar que habita e a outra ambiência de que estava excluído (“o outro mundo”), refere-se a este como uma “zona”, porque não divisa possibilidade de ascensão e tão pouco de inclusão em lugar algum. Assim, estende à sociedade como um todo o significado de prostíbulo. A mãe vende o corpo por dinheiro, para sobreviver; o adolescente compreende a sociedade capitalista como interessada unicamente no lucro, sem preocupação com sujeitos que, como ele, crescem abandonados nas ruas, sem alimentação certa, ou garantia de saúde e segurança. Para Di Lixão, o mundo lá fora, a sociedade em geral, é violenta e perigosa, e nega-lhe os direitos fundamentais, de acordo com padrão que não dá espaço para o vulnerável e diferente.

Contrastando com a narração de “Zaíta”, que é linear, a de “Di Lixão” subverte a ordem cronológica, e relatos da dor experimentada no presente intercalam-se com recordações do passado. A não linearidade replica, formalmente, não apenas o padrão de pensamento associativo, como a incapacidade de um sujeito traumatizado, sob forte impacto emocional, pensar linearmente. O narrador registra: “Ele era uma dor só. As dores haviam se encontrado. Doía o dente. Doíam as partes de baixo. Doía o ódio” (EVARISTO, 2014, p. 78).

O ódio, que se confunde com a dor, remete à raiz de suas muitas carências: à falta da mãe, à situação de vulnerabilidade, pobreza e exclusão que sofre. Prolongam-se, na rua, as experiências dos primeiros anos de vida, quando a mãe, ignorante e cansada, batia no menino quando ele sofria de enurese. No presente, ao sentir vontade de urinar, lembra-se: “sua mãe lhe batia sempre por isso” (EVARISTO, 2014, p. 79). Além de surrá-lo, puxava “a bimbina dele até quase arrebentar” (EVARISTO, 2014, p. 79). Em decorrência das violências físicas, Di Lixão traumatiza-se; associa a dor agora sentida com a que a mãe lhe causava quando criança.

A descrição das dores segue crescendo: para além da sensação de dor que se alastra pelo corpo inteiro, e da raiva que a intensifica, há a percepção da própria vida como uma só dor: “Tudo doía. A boca, a bimbina, a vida...” (EVARISTO, 2014, p. 80). Essa é uma dor que, como expresso no auto-questionamento do adolescente, novamente em discurso indireto livre, vem “de dentro”: “Dor de dentro matava? Não sabia. Sabia que ia morrer. Mas isto também, coo a morte da mãe, pouco importância tinha. [...] Só não queria morrer sozinho.” (EVARISTO, 2011, p. 79).

Mesmo este último desejo é desatendido. Às sete horas da manhã um transeunte encontra o corpo do adolescente, desacompanhado, entre as latas de lixo; duas horas depois, um rabeção retira o corpo do local. A cidade havia sido higienizada, e mais uma vez o esforço para limpá-la dos favelados, sua “sujeira” ou “praga” (DAVIS, 2006, p. 111) fora eficiente. Muito mais eficiente do que se demonstrara em sua capacidade para sanar, ou mesmo aliviar, as feridas internas e externas de Di Lixão, quando ainda em vida.

Conclusão

Voltamos, agora, mais uma vez, ao ensaio “Da grafia-desenho de minha mãe”, do qual foi retirada a metáfora a partir do qual apontamos para a prática de uma literatura resistente em Evaristo, exemplificada a partir dos contos analisados. Nesse ensaio, ao justificar a razão pela qual a mãe recorria ao simbolismo da escrita, traçando no chão arenoso a representação do sol, como a que convocá-lo a secar as roupas das quais dependia o sustento da família, Evaristo diz: “Nossos corpos tinham carências. O frio se fazia em nossos estômagos.” (2007, p. 17).

Como acontecia com os familiares da escritora, também os corpos das personagens de Evaristo conhecem urgências, físicas e psicológicas. Di Lixão e Lumbiá sabem o que significava sentir as necessidades dos corpos, dos estômagos, da alma. Doía-lhes a vida, por inteiro. Zaíra busca, pela imaginação, em um papel colorido, a compensação pelas carências sentidas. Do lixo lhes vem abrigo, alimento e lazer. Por outro lado, a situação de vulnerabilidade não se configura apenas a partir da privação pela pobreza. Natalina Soledad, Seni e Maria do Rosário, nascidas em lar de classe média, sofrem agressões que não se originam em falhas do sistema estrutural, mas familiar. Se, por um lado, não precisam trabalhar na infância, como Lumbiá e Duzu, Seni e Natalina Soledad são agredidas por aqueles que deveriam protegê-las. Personagens brancas ou negras, pobres ou de classe média enfrentam, igualmente, situação de vulnerabilidade social, embora, no universo ficcional aqui estudado, esta se configure com mais frequência em personagens pobres, negros ou não.

Voltamos, ainda, uma vez, ao ensaio “Da grafia-desenho de minha mãe”. O registro, por Evaristo, da finalidade de sua escrita como sendo a de despertar senhores de seus sonos injustos aponta para uma prosa denunciadora das iniquidades sociais, especialmente as cometidas por aqueles que, detendo o poder (pátrio, administrativo, ou outro), atuam direta ou indiretamente na renovação e atualização de injustiças históricas, as quais fazem com que em, nossa realidade social, a relação senhor-escravo perpetue-se, com novos contornos e em diversos estratos sociais, inclusive na intimidade do lar. Essa situação é comparada a um sono prolongado, de cuja inconsciência os senhores devem ser despertados. Assim, a palavra poética visa levar à sensibilização dos leitores, e à tomada de posição frente às realidades denunciadas nos contos. Tal alcance não é realizado apenas através da proposição de um tema (aqui, criança e adolescente em situação de vulnerabilidade social), mas da forma como tal conteúdo temático encontra forma no texto, para o que é fundamental o modo como o texto é organizado, mormente o ponto de vista adotado pelo narrador, o ângulo pelo qual o protagonista é construído (vítima/ vitimador; sujeito ou objeto da ação), e as figuras de linguagem empregadas.

Narrados, quase sempre, em terceira pessoa³, com ocasionais inscrições da fala do protagonista em discurso indireto livre, por narradores simpáticos à situação do protagonista, os contos apresentam crianças e adolescentes que, mesmo em meio à pobreza e maus-tratos, buscam tomar a si as rédeas de suas vidas. Ainda que perca a vida, Zaíta dispõe-se a enfrentar a ira da mãe e os perigos da favela, saindo em busca de sua figurinha-flor; a não ser em seus últimos momentos, quando já intui a proximidade da morte, Di Lixão gerencia sua vida, ainda que esta se desenvolva entre os lixões e ao (des)abrigo de seu “quarto-marquise”. Duzu e Lumbiá muito cedo aprendem a ganhar sua vida, ainda que isso lhes seja imposto por circunstâncias estruturais que lhes roubem a infância, o direito ao lazer e à educação. Maria do Rosário e Natalina, apesar do isolamento que lhes é imposto, e muitas vezes a partir do silêncio, preparam a reassunção de seus destinos. Mesmo Seni, apesar da incapacidade de fazer frente às agressões do pai, apresenta postura de defesa da infância, primeiro das irmãs e, mais tarde, quando já médica, de suas pacientes. Tais personagens assumem, pois, a situação de sujeito, a despeito de sua situação marginal. Essa postura é importante, porque, dado o lugar de que fala a escritora e os seres de que fala, revertem-se as históricas expectativas sobre os que deveriam se limitar a erguer a voz em obediência aos da “casa-grande” -- reagem, ainda que a partir da posição debilitada em que se encontram, ao que parecia ser sua sina.

Por outro lado, a organização da matéria narrativa, e a forma como carências e vulnerabilidades são duplicadas pelas figuras de linguagem e situações expostas no texto (Em “Zaita” pela dramatização da ausência e em “Di Lixão” pela dor e pelo lixo) aumentam o impacto da matéria narrada, fazendo com que os valores que movem seu desejo de alterar a trama social, ao poeticamente visibilizar os respectivos antivalores em seus textos, ampliem sua visibilidade, auxiliando, assim, a combatê-los. Assim, movida pelo desejo de um outro mundo, mais equânime e justo, Evaristo constrói escrita resistente que, ao mesmo tempo em que denuncia a situação de vulnerabilidade e a injustiça social praticada contra aqueles que a família e a sociedade deveria amar e proteger, faz ouvir sua voz em prol da igualdade e da justiça.

ABSTRACT: This article focuses seven of Conceição Evaristo’s short stories, ones whose protagonists are children and adolescents at risk. Taking as its motto the claim, in “Da grafia-desenho de minha mãe”, to a resistant practice, aimed at discommoding the consciousness of the indifferent hegemony with respect to exclusive practices, the article places the short stories in the context of the contemporary Brazilian literature which has children and adolescents as its protagonists studies the construction of their protagonists and analyzes in detail “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos” and “Di Lixão”. Analysis shows how, thematically and formally, the short stories are associated with a perspective of resistance. Even in spite of their marginal position, the characters assume the subject’s position,

³ “Shirley Paixão”, onde se narra a história de Seni, e “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” correspondem à recriação, em primeira pessoa, pela personagem coletora de histórias, da história de vida que as protagonistas a ela narram.

reversing historical expectations about those who should be limited to an obedient and dependent poise. Theoretical foundation is sought, above all, in the thought of Abramovay (2002), Candido (1965, 1970) and Evaristo (2007, 2010).

Keywords: Literature. Resistance. Minor in situation of social vulnerability. Conceição Evaristo.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam; et al. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002. 192p. Disponível em: <<http://repositorio.minedu.gob.pe/handle/123456789/1379>>. Acesso em: 28 nov. 2016.
- BATTISTI, Roselei. A representação feminina em obras de literatura juvenil brasileira do século XXI: um olhar sobre protagonistas adolescentes de narrativas que integram o PNBE/2013. Dissertação de Mestrado. Frederico Westphalen: URI, 2015.
- BENÍCIO. *Dicionário de nomes próprios*. Matosinhos: 7 Graus, 2008-2018. Disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/benicio/>>. Acesso em 28/03/2018.
- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. [Duas Cidades, 1970].
- _____. Literatura e vida social. In: _____. *Literatura e sociedade*. 13 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014. [Companhia Editora Nacional, 1965]. p. 27-49.
- DAVIS, Mike. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- EVARISTO, Conceição. NÃO ESCREVEMOS. *Estação Plural*. Entrevista concedida a TV Brasil em 09/06/2017. Disponível: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande-pelo-contrario-diz-conceicao>>. Acesso em: 01 mar. 2018.
- _____. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. (Org.) *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo horizonte: Mazza, 2010. p. 132-142.
- _____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.
- _____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- _____. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas editora, 2014.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 41. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. [Ed. Global, 1933].
- MATA, Anderson Luís Nunes da. *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*. Dissertação de mestrado. Brasília: UnB, 2006. Acesso em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2884>>. Disponível em: 29 maio 2017.
- RADO, Sonia Cristina; BONETTI, Lindomar Wessler. A juventude em condições de vulnerabilidade social e as políticas de acesso à educação. IX Congresso Nacional de Educação. Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 229-250, jul./dez. 2018. Recebido em: 30 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

Anais do IX congresso nacional de educação/EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia: Políticas e práticas educativas: desafios da aprendizagem. Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3032_1578.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2017.